

D. Noémia de Jesus e Jesus Rui Cabral
Pedrógão Grande



NODEIRINHO (3270 Pedrógão Grande) — Telef. 52287

(Depósito Legal n.º 236/82)

MENSÁRIO — (AVENÇA)

ANO XXVII — N.º 315
15 de Janeiro de 1989

Director e Proprietário:
ANÍBAL HENRIQUES COELHO

Composição e impressão:
Gráfica Almondina / Torres Novas

Preço: série de 12 números,
um ano — 400\$00



Um achado arqueológico em Vila Facaia

Foi descoberta uma mina antiga que estava tapada e que remonta pelo menos à época das Invasões Francesas. Dentro dela, numa pequena cantareira cavada na barreira, encontrou-se uma candeia de azeite, em folha de ferro, que vale pela antiguidade. Tem valor histórico bem apreciável.

Ao lado norte daquela velha escola, onde hoje funciona o Posto Clínico, escola essa em que no ano de 1873 leccionou o erudito padre e professor Albino Simões Dias Cardoso, irmão do poeta e escritor José Simões Dias, da Benfeita, escola que frequentámos durante uns 3 meses e onde teve lugar o nosso exame da 4.ª classe de instrução primária, em 20 de Julho de 1927, com o exemplar professor António Lopes da Costa, já falecido, foi recentemente construído um grande edifício de estilo moderno, destinado ao Lar dos Idosos.

Quando se fazia uma escavação funda para a fossa dos esgotos, com grande surpresa do pessoal, apareceu um buraco enorme. Era o tecto, em forma de abóbada, de uma mina muito antiga, completamente fechada. Chamaram ao local os Bombeiros de Pedrógão Grande. Correram a mina até ao cabo, a qual chegará até ao pé da Capelinha



Vê-se a candeia de azeite segura entre os dedos polegar e indicador da mão direita

de S. Longuinho. Mede de comprimento 67 metros, de altura cerca de 1,5 e de largura, na base, cerca de um metro. As barreiras muito bem cortadas e apuradinhas. Parece nova!

De 8 em 8 metros há pequenas cantareiras cavadas na barreira, onde ainda se encontraram duas candeias de azeite, feitas de folha de ferro. Uma, já corroída pela ferrugem, ao tocarem-lhe,

Continua na pág. 6

Placas nas ruas e caixas de correio nas casas

Mais uma vez batemos na mesma tecla.

Pôr nomes ou números em todas as ruas das povoações e vila, no concelho de Pedrógão Grande, e caixas para correio, em todas as casas habitadas, é medida que se impõe com urgência, para bem do público, e facilidade de distribuição da correspondência pelos carteiros. Compete à Câmara Municipal resolver este importante problema. Acontece vir um carteiro novo que não conhece as casas nem os moradores do giro. Passa o tempo a perguntar a quem vai passando na rua. Por vezes metem os carteiros novos, na caixa duma casa, meia-dúzia de cartas ou jornais pertencentes a outros moradores que não têm caixa de correio nas suas casas.

Se o dono dessa caixa não tem consciência, ou não está para se ralar, lá ficam os destinatários

sem a sua correspondência. Isto estará bem?

No Chelo, concelho de Penacova, todas as ruas, e são mais de seis, já foram numeradas.

No concelho de Castanheira de Pera, pelo menos na vila, já todas as ruas têm nome. O mesmo se passa por muitos outros concelhos de Portugal.

Porque não se faz o mesmo neste concelho?

Por comodismo? Ficamos à espera do serviço feito.

Continuamos na mesma dança de receber correio só uma, duas ou três vezes por semana. No entanto no giro da Lameira, onde já há muito não há posto de correio recebem correio, em todos os dias úteis.

Haverá portugueses de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe neste país democrático?

Discriminação racial!? O povo é que paga as favas...

Missa Nova

No dia 18 de Dezembro de 1988, pelas 15 horas, na Igreja Matriz de Pedrógão Grande, celebrou a sua primeira missa solene o neo-sacerdote Júlio Neves dos Santos Silva, natural dos Escalos Fundeiros, ordenado na Sé Catedral de Coimbra, no passado dia 11, domingo anterior. A espacosa igreja estava repleta de fiéis. Concelebraram 6 sacerdotes. Depois das cerimónias, foi servido um jantar a muitos convidados, no vasto salão da Casa do Povo.

No final discursou, em breves mas concisas palavras adequadas ao acto, o Sr. P.º Arlindo, e o homenageado agradeceu. No próximo número daremos mais detalhes.

O REI D. MANUEL II

Quatro meses depois do regicídio, no 1.º de Fevereiro de 1908, o Rei D. Manuel começou a escrever o seu diário particular. Tinha-se perdido, mas agora foi encontrado, num caixote, na Torre do Tombo.

Descreve assim a tragédia da morte do Rei D. Carlos, seu pai, e do Príncipe D. Luís Filipe, seu irmão, herdeiro do trono, o qual três dias depois faria 21 anos:

"21 de Maio de 1908.

Notas absolutamente íntimas.

Há já uns poucos dias que tinha ideia de escrever para mim estas notas íntimas desde o dia 1 de Fevereiro de 1908, dia do horroroso atentado, no qual perdi barbaramente assassinados o meu querido pai e o meu tão querido

irmão. Isto que aqui escrevo é ao correr da pena, mas vou dizer franca e claramente e também sem estilo tudo o que se passou. Talvez isto seja curioso para mim um dia, se Deus me der vida e saúde. Isto é uma declaração que faço a mim.

Meu pai não tinha vontade nenhuma de voltar para Lisboa. Bem me lembro que se estava para voltar para Lisboa 15 dias antes e que meu pai quis ficar em Vila Viçosa; minha mãe, pelo contrário, queria forçosamente vir. Recordo-me perfeitamente desta frase que me disse na véspera próprio dia que eu regressasse a Lisboa, depois de ter estado dois dias em Vila Viçosa: — Só se eu quebrar uma perna é que não volto para Lisboa, no dia 1 de Fevereiro.

Melhor teria sido que não tivesse voltado porque não tinha eu perdido dois entes tão queridos, e não me achava eu hoje rei!

Enfim, seja feita a vontade de Deus, seja feita a Vossa Vontade, eu Deus!

Depois do meu almoço à hora habitual, à 1 e três quartos, comecei a minha lição com o Fontoura da Costa... Acabei com o Fontoura, às 3.00 horas, e pouco depois recebi um telegrama da minha adorada mãe, dizendo-me que tinha havido um descarrilamento na Casa Branca, mas que não tinha acontecido nada, mas que vinham com três quartos de hora de atraso. Vendo que nada tinha acontecido, dei Graças a Deus, mas nem me passou pela mente, como bem se pode calcular, o que havia de acontecer... Um pouco depois das quatro horas, saí do Paço das Necessidades num Landau (luxuoso carro de cavalos), com o Visconde de Asseca, em direcção ao Terreiro do Paço para esperarmos Suas Majestades e Atleza. Fomos pela Pampulha, Janelas Verdes, Aterro e Rua do Arsenal. Chegámos ao Terreiro do Paço. Na Estação estava muita gente da Corte e mesmo sem ser. Conversei primeiro

VOLTA AO MUNDO

ALGURES — Declarou-se incêndio. O cão da casa abriu o frigorífico e meteu-se lá dentro; fechou a porta e assim escapou de ser devorado pelas chamas!

MIDÕES — No tempo dos liberais e miguelistas, os componentes do batalhão de João Brandão, o "Caca", o "Anjinho", o "Tendeiro", e outros, cadastrados da pior espécie, o terror das Beiras, reuniram-se num lagar de Vila do Mato, a fazer uma tiborna. E foi a última que esses chefes da quadrilha fizeram. Pois os caçadores da Vila do Mato juntaram-se, munidos de carabinas, e cercaram o lagar. Descobriram o telhado e abateiram todos os cadastrados. Na manhã seguinte, carregaram-nos num carro de bois e levaram-nos para um monte próximo, onde foram queimados, monte que ainda hoje se chama "Outeiro do Caca", perto de Midões. Esses terroristas e assaltantes enviavam cartas às pessoas abastadas, a intimá-las:

Queira enviar-nos tantas libras que não lhe fazem falta nenhuma. Se o portador não for atendido, iremos breve ajustar contas.

O terror!

Pagaram com a vida!

LISBOA — Na Torre do Tombo, achou-se, num caixote, o "Diário Particular" que o Rei D. Manuel II começou a escrever quatro meses depois de ocorrida, no Terreiro do Paço, no 1.º de Fevereiro de 1908, a tragédia do regicídio,

a morte do Rei D. Carlos e do Príncipe Luís Filipe, pelo Buíça e Alfredo Costa, que logo linchados pela multidão ficaram estendidos no chão, no mesmo local.

Não fugiram à regra: Quem com ferros mata, com ferros morre, diz o povo.

ESPANHA — Estão aí as embalagens assassinas.

Uma pequena embalagem de papel branco que contém dentro estrelinhas do tamanho dum botão. No interior tem vários selos ou estrelinhas com um adesivo especial destinado à sua colagem na pele. Cada embalagem ou bolsa contém 100 selos com droga. Terrível droga que é absorvida através dos poros da pele e chega rapidamente ao sangue.

PORTO — O mecânico Sílvio António Dias Moreira, de 19 anos, em 4 de Novembro de 1986, assaltou o oculista

Continua na pág. 6

Continua na pág. 3

É PROIBIDO FUMAR

Desde 1 de Dezembro, é proibido fumar em todos os locais de atendimento público. Isto por determinação dum diploma legal já publicado no "Diário da República".

Esta proibição abrange elevadores, museus, bibliotecas, cafés e outros locais devidamente sinalizados.

Tem multa o transgressor, desde mil escudos a cem mil escudos.

O tabaco aumenta para três vezes mais.

Fumadores, é agora a altura própria de cortar com o vício!

O vício não pode mais do que o homem.

Casamento



Na Igreja de S. João Baptista de Cernache do Bonjardim (Seminário Liceal das Missões) realizou-se no passado dia 2 de Outubro o casamento do nosso amigo, assinante e colaborador Sr. Carlos Manuel da Silva Godinho, de 32 anos de idade, professor do ensino básico, natural de Nampula, Moçambique, filho do Sr. Manuel Godinho da Silva e da Sr.ª D. Palmira da Silva Godinho, residentes em Atalaia Cimeira, com a menina Maria do Rosário do Nascimento Matias, de 27 anos de idade, técnica administrativa do Instituto de Emprego e Formação Profissional, natural de Lisboa, filha do Sr. António Rafael de Jesus Matias e da Sr.ª D. Maria do Carmo do Nascimento Matias, residentes em Cernache do Bonjardim.

Foram padrinhos, por parte do noivo, D. Ivone Fernandes Lopes e o Sr. Manuel Joaquim Pires Dias, de Tomar, e pela parte da noiva, D. Maria Luísa Pedro Gonçalves e o Sr. José Fernandes Gonçalves, de Cernache do Bonjardim. Foi celebrante o Rev. Padre José Patrício, do Seminário de Cernache do Bonjardim. Ao jovem casal, entretanto ausente em viagens de núpcias pela Ilha da Madeira (Funchal) e Porto Santo, desejamos os nossos melhores votos de felicidades, na nova vida que agora iniciaram.

Visitas à Redacção

Agradecemos a visita dos Senhores:

Manuel Encarnação do Carmo, Agria; Foto Rosa, Alvaizere; Albano Rosa Domingues, Matos; Diamantino e D. Beatriz da Silva Rosa Nunes, Tondela; António de Jesus Lopes (Caseiro), esposa, filho e neto, Figueiró dos Vinhos; Joaquim Ventura David e Rosa de Jesus Feire, Alverca; António de Jesus Leitão e Carlos Esquina, França; António Conceição Pires e esposa, Casal dos Ferreiros; Adelino da Mata Martins, França; Albino Nunes, Matos; Domingos Manuel Conceição Coelho, Pinheiro Bordalo; António Nunes, Vale da Neta.

Aniversário

No dia 27 de Novembro de 1988, ocorreu o 76.º aniversário natalício do Sr. Albino Nunes, dos Matos, Graça. Houve festa familiar em casa.

Os nossos parabéns.

VENDE-SE PRÉDIO

Por 8 000 000 \$00

Com 2 andares devolutos, na R. Dr. António José de Almeida, n.º 5-7, Figueiró dos Vinhos, pela melhor oferta.

Mostra D. Rosária Camoegas, no local.

As respostas devem ser enviadas em carta registada para Sebastião Lopes Dias, Estrada da Luz, n.º 238, 7.º dt.º, 1600 Lisboa.

Reserva-se o direito de não concretizar a venda se as ofertas não atingirem o valor aceitável.

Falecimentos

— Em Derreda Cimeira faleceu, no dia 13 de Agosto de 1988, o nosso assinante Sr. Joaquim Nunes Bento, de 58 anos, casado. O seu funeral realizou-se no dia seguinte, com grande acompanhamento.

Viúva, filhos, netos, irmãos, cunhados, cunhadas, mais pessoas de família e amigos agradecem com profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.



Bernardino Dias

— Em Coimbra faleceu, no dia 22 de Novembro de 1988, a Sr.ª D. Maria Adelaide de Oliveira David, de 79 anos, viúva de Damião Campos David, mãe do nosso assinante Sr. Jorge David Campos e de D. Maria das Dores de Oliveira David, professora, da Soalheira, Graça.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, às 15 horas, para o cemitério da Graça.

«Voz da Graça» apresenta ao Sr. Jorge e mais família sinceras condolências.



— No dia 23 de Novembro, no Hospital dos Covões, Coimbra, faleceu a Sr.ª D. Maria Prazeres, de 82 anos, natural do Mosteiro, Pedrógão Grande, casada com o nosso assinante, Sr. Jaime Correia, residente em Alhos Vedros. Foi sepultada no cemitério da Graça.

«Voz da Graça» apresenta sentidos pêsames ao Sr. Jaime Correia e a seus familiares.

— Em Arguselo, Vimioso, faleceu, no dia 8 de Dezembro de 1988, o Sr. José Paiva, de 78 anos, viúvo, de Atalaia Cimeira, mais conhecido por José Tinta.

Era pai das Sr.ªs D. Maria Ermelinda Godinho Paiva, casada com o nosso assinante Sr. Carlos Conceição Esquina, e D. Palmira da Conceição Godinho Paiva, casada com o nosso assinante Sr. António de Jesus Leitão.

Era avô de António, Paulo Jorge, Fernando Esquina, Anabela Paula, Guilherme Jorge e José Carlos, todos emigrantes em França.

— No dia 12 de Dezembro de 1988, na Atalaia Cimeira, faleceu a Sr.ª Maria de Jesus, de 82 anos, viúva de Manuel Mendes.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte.

SUPERMERCADO TAINHA

de

Aníbal Tainha Lopes da Costa

Rua de S. Pedro, 1 - (V. N. de Gaia) Brandariz
PEROSINHO - 4415 Carvalhos
Telefone: 7625058

No dia 10 de Dezembro de 1988 faleceu no lugar de Louriceira, de onde era natural, o nosso assinante Sr. Bernardino Dias, marido de Maria Rosa Henriques, após prolongada doença, desde o dia 14 de Maio, em que deu entrada no Hospital dos Covões, onde ficou internado durante 5 semanas, sendo depois transferido para o Hospital de Oncologia em Celas, onde esteve 8 semanas, tendo depois regressado à sua residência até à altura do seu falecimento. Depois de um longo período de sofrimento morreu nos braços de sua esposa.

Era um grande conterrâneo, amigo de todos os seus vizinhos e amigos.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento para o cemitério de Pedrógão Grande.

Sua esposa agradece a todas as pessoas amigas que o visitaram durante a sua doença, bem como a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo até à sua última morada.

Paz à sua alma.

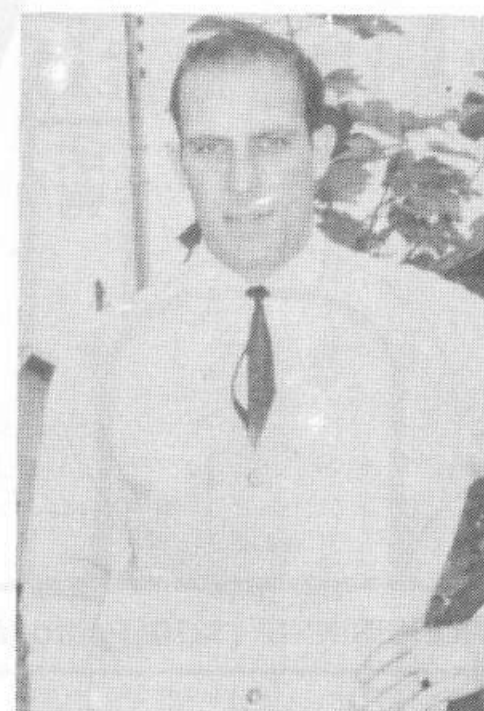
O massacre do Quartel da Ajuda

No dia 23 de Novembro de 1988, às 9.05 h., o Cabo Saraiva Antunes, colocado na cantina da unidade da Ajuda, da GNR, onde se encontra o Centro de Instrução n.º 5 daquela corporação, aparece na parada, armado e equipado. Estão formados 200 militares. A direita do Cabo Saraiva estão dois grupos, um de sargentos, à frente, e um de oficiais, mais perto da arrecadação de material de guerra. Entre as duas formações encontra-se o 2.º Comandante da unidade, Tenente-Coronel Duarte de Almeida. À esquerda do Cabo Saraiva está o Tenente-Aluno Gonçalves Leite, juntamente com o Sargento-Chefe Coelho. São os primeiros a tombarem. Armado com uma caçadeira semi-automática de repetição o Cabo Saraiva dispara contra todos os alvos móveis. É o estado de guerra a cair sobre a Ajuda.

VENDE-SE

CASA DE HABITAÇÃO e anexos, com terras de cultura de água corrente, 3 pedras de moinho a trabalhar, luz eléctrica privativa, testada de pinhal e eucaliptos. Na Várzea da Mó Grande, Pedrógão Grande.

Trata António Barreto Antão.



Manuel Leitão da Silva

Agradecimento

Em Pampilhosa da Serra, no lugar de Moradias, faleceu no dia 9 de Dezembro de 1988 o nosso assinante Manuel Leitão da Silva, de 50 anos, natural do Casal da Francisca, Graça, casado com a Sr.ª Rosária Almeida. Era irmão dos nossos assinantes D. Maria Rosa Florinda da Silva e José Leitão da Silva. O funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério da Pampilhosa da Serra.

Viúva, filho, irmão, irmãs, cunhado, cunhada, sobrinhos e mais família agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada.



Agradecimento

Em Pedrógão Grande faleceu, no dia 30 de Novembro de 1988, a Sr.ª D. Maria Augusta David, de 103 anos de idade, viúva de Alfredo Tomás David, mãe de D. Aida Fernandes David e sogra do Sr. Júlio Tomás David.

Na Igreja Matriz foi celebrada missa de corpo presente, com grande assistência.

Filha, genro e mais família agradecem a todas as pessoas que assistiram aos seus últimos momentos de vida e a acompanharam à sua última morada.

VENDEM-SE

A preços módicos, pneus de ocasião, de todas as medidas, com garantia. De fora.

Vende José Viola, do Valongo — Pedrógão Grande. Aos sábados e domingos.

TERRENOS

Terrenos de mato, compra Fernando C. Lourenço dos Santos.

Telef. 52105 - 3260 Figueiró dos Vinhos.

«Voz da Graça»

Publicação Mensal

Redacção e Administração:
Nodetinho / 3270 Pedrógão Grande

Director e proprietário:
Aníbal Henriques Coelho

Fotocomp., montagem, impressão:
Gráfica Almondina
Torres Novas

Preço: 400\$00, por 12 meses

Tratagem mensal de 2000 ex.

A venda de um anel

Os russos sempre tiveram fama de idear fraudes engenhosas.

No reinado de Catarina II eram excessivos o luxo e a magnificência entre os nobres da Rússia. O que mais lhes agradava era usar quantidade de pedras preciosas de grande valor.

Ora um dia apareceu em Moscovo um senhor que trazia no dedo um soberbo brin-

lhante. Todos os olhos se voltaram para uma tal jóia, e de forma especial os olhos dum fidalgo muito rico, conhecido pela sua mania de comprar pedras preciosas a todo o preço. Dirigiu-se ao homem do tal anel, admirando a sua beleza. Ofereceu por ele um grande preço. Mas o dono recusou, alegando que era uma recordação de família de que não se desfazia. A recusa aumentou ainda mais os desejos do fidalgo russo. Por fim, o estrangeiro, para se ver livre dele, disse-lhe que não vendia o anel, porque as pedras não eram verdadeiras. Esta declaração excitou a admiração a todos os que ali se achavam presentes, e a ninguém mais do que ao fidalgo que se gabava de ser um especialista em conhecer pedras preciosas. Pediu-lhe que lhe confiasse o anel por alguns dias, despositando uma certa quantia equivalente. Aceita a proposta, imediatamente o russo correu a casa de um negociante de jóias, e mostrando-lhe o anel, lhe perguntou se as pedras eram falsas ou verdadeiras.

Depois de rigoroso exame, o lapidário declarou que as pedras eram de facto verdadeiras, puras e sem a menor falha. Com esta resposta o fidalgo fez logo entrega do anel ao seu dono que o recebeu com indiferença, metendo-o no bolso do colete, sem mostrar grande caso dele.

Começou então o russo a importunar novamente o estrangeiro para que este lhe vendesse o anel. Mas o homem de novo insistiu na resolução de não vender.

Para o tentar, cada vez o comprador lhe oferecia maior soma de dinheiro, chegando esta a ser maior que o valor do anel, de maneira que o estrangeiro lhe chegou a dizer: Este anel foi-me dado de prenda como uma herança de amizade; porém a vossa oferta é tal que eu cederia a ela, por não ser tão rico que possa rejeitar tão grande quantia como essa que me estais a oferecer. Contudo essa quantia é a principal razão porque não aceito. Repito-vos que as pedras são falsas, e que a vontade de quererdes comprar o meu anel por um preço tão exagerado poderia fazer que vos tivéssemos por um homem de pouco juízo. Se essa é a vossa única objecção, replicou entusiasmado o fidalgo, receba o meu dinheiro, e lançou em cima da mesa um punhado de notas de banco. Tomo por testemunhas todos os senhores presentes que eu voluntariamente, e depois de madura consideração, aceito o negócio. O estrangeiro recebeu o dinheiro, e entregando o anel ao comprador, de novo lhe repetiu que as pedras eram falsas, e que ainda esta-

va a tempo de se arrepender do contrato. O fidalgo fez ouvidos de mercador, e agarrando na sua jóia, correu para casa, contentíssimo da bela aquisição que tinha feito. Mas desgraçadamente poucos dias depois teve lugar para conhecer a verdade do que lhe havia afirmado o estrangeiro, o qual, na ocasião da entrega, tinha trocado o anel verdadeiro por um inteiramente semelhante, mas de pedras falsas.

O negócio deu motivo a uma demanda no tribunal. O estrangeiro provou com testemunhas perante o tribunal que nunca tinha oferecido um anel de pedras boas, antes pelo contrário sempre afirmara ao comprador que as pedras eram falsas.

A sentença do juiz deu-se a seu favor.

O russo espertalhão perdeu a toda a linha.

Continuação da 1.ª pág.

O REI D. MANUEL II

com o Ministro da Guerra, Vasconcelos Porto, talvez o Ministro de quem eu mais gostava no Ministério do João Franco. Disse-me que tudo estava bem. Esperámos muito tempo. Finalmente chegou o barco em que vinham meus pais e o meu irmão. Abraçei-os e viemos seguindo até à porta onde entrámos para a carruagem os quatro. No fundo a minha adorada mãe, dando a esquerda a meu pobre pai. O meu chorado irmão diante do meu pai, e eu diante da minha mãe. Sobre tudo o que agora vou escrever é que me custa mais: ao pensar no momento horrível que passei. Confundem-se-me as ideias.

Que tarde e que noite mais atroz! Ninguém neste mundo pode calcular, não, nem sonhar o que foi. Creio que só a minha pobre e adorada mãe e eu podemos saber bem o que isto é!

Saimos da estação bastante de-

num horror destes que me disse para mim mesmo, sabendo o estado de exaltação em que isto tudo estava: Que má brincadeira! O homem saiu do passeio e veio por trás da carruagem e começou a fazer fogo. Quando vi o tal homem das barbas, que tinha uma cara de meter medo, apontar sobre a carruagem, percebi bem, infelizmente, o que era. Meu Deus, que horror! O que então se passou! Só Deus, minha mãe e eu sabemos; porque mesmo o meu querido e chorado irmão presenciou poucos segundos, porque instantes depois também era varado pelas balas. Que saudades, meu Deus! Dai-me a força, Senhor, para levar esta cruz, bem pesada, ao Calvário! Só Vós, meu Deus, sabeis o que eu tenho sofrido!

Imediatamente depois do Buíça começar a fazer fogo, saiu de baixo da arcada do ministério um

Contas da Capela de Nossa Senhora do Leite

17 de Julho-24 de Novembro

Receita: 54 827\$00
Saldo anterior: 75 604\$00
Soma: 130 431\$00
Despesa:
Pinturas na Capela e caiação dos muros: 110 000\$00
Luz eléctrica: 4 214\$00
Panos de limpeza: 165\$00
Lamparinas: 212\$00
Soma: 114 591\$00
Saldo a transportar: 15 840\$00
A Comissão

Comissão da Festa da Graça

15 de Agosto de 1988

A Comissão do lugar da Figueira que fez a festa de Nossa Senhora da Graça, no ano de 1988, apresenta um saldo positivo de cerca de 400 contos.

Já apresentou na Igreja Paroquial da Graça um órgão de música que custou 105 contos.

Ora aqui temos uma Comissão exemplar. Se todas assim fossem...



vagar. A minha mãe vinha-me a contar como se tinha passado o descarrilamento na Casa Branca, quando se ouviu o primeiro tiro no meio do Terreiro do Paço, mas que eu não ouvi: era sem dúvida o sinal: sinal para começar aquela monstruosidade infame, porque pode-se dizer e digo que foi o sinal para começar a batida. Foi a mesma coisa do que se faz numa batida às feras; sabe-se que têm de passar por caminho certo: quando se entra nesse caminho dá-se um sinal e começa o fogo! Infames!

Eu estava olhando para o lado da Estátua de D. José, e vi um homem de barba preta, com um grande "gabão". Vi esse homem abrir a capa e tirar uma carabina. Eu estava tão longe de pensar

outro homem que desfechou uns poucos de tiros à queima-roupa sobre o meu pobre pai: uma das balas entrou pelas costas e outra pela nuca que o matou instantaneamente.

Que infames! Para completarem a sua atroz malvadez e sua medonha covardia fizeram fogo pelas costas. Depois disto não me lembro quase do resto: foi tão rápido! Lembra-me perfeitamente de ver a minha adorada e heróica mãe de pé, na carruagem com um ramo de flores na mão, gritando àqueles malvados animais, porque aqueles não são gente! Infames, infames! A confusão era enorme. Lembra-me também e isso nunca poderei esquecer, quando na esquina do Terreiro do Paço para a rua do Arsenal, vi o

meu irmão de pé dentro da carruagem, com uma pistola na mão. Só digo dele o que o Cônego Alves Pacheco disse nas exéquias, nos Jerónimos: Morreu como um herói ao lado do seu pai. Não há para mim frase mais bela e que exprima melhor todo o sentimento que possa ter.

Quando de repente, já na rua do Arsenal, olhei para o meu querido e chorado irmão, vi-o caído para o lado direito com uma ferida enorme na face esquerda de onde o sangue jorrava como duma fonte. Tirei um lenço da algibeira para ver se lhe estancava o sangue. Mas que podia eu fazer? O lenço ficou logo como uma esponja.

Pouco tempo depois de termos chegado ao Arsenal, veio ainda o major Naddington, dizendo que os queridos entes ainda estavam vivos; mas infelizmente pouco tempo voltou chorando muito. Perguntei-lhe: Então? Não me respondeu. Disse-lhe que tinha força para ouvir tudo. Respondeu-me então, que já ambos tinham falecido! Dai-lhes Senhor o eterno descanso, e brilhe sobre eles a Vossa Luz eterna. Amen!

Foi verdadeiramente milagre termos escapado: Deus quis poupar-nos! Dou graças a Deus de me ter deixado a minha mãe que eu tanto adoro. Sempre foi a pessoa de que mais gostei neste mundo, e no destes horrores todos, dou e darei sempre a graça a Deus de me a ter conservado! Quando a minha adorada mãe saiu da carruagem foi direito a João Franco que já ali estava, e disse-lhe ou antes gritou-lhe com uma voz que fazia medo: Mataram El-Rei. Mataram meu filho.

A minha pobre mãe parecia doida. E na verdade não era para menos. Eu também não sei como não endoideci. A pobre e adorada mãe andava comigo pelo Arsenal de um lado para o outro, com diferentes pessoas: Conde de Sabugosa, Condes de Figueiró, Conde das Galveias e outros, falando sempre num estado de excitação indiscutível, mas fácil de compreender.

De repente caiu no chão! Só Deus e eu sabemos o susto que eu tive! Depois do que tinha acontecido veio aquela reacção e eu nem quero dizer o que primeiro me passou pela cabeça! Depois vi bem o que era: o choque pavoroso fazia o seu efeito! Minha mãe levantou-se quase envergonhada de ter caído. É um verdadeiro herói. Quem dera a muitos homens terem a décima parte da coragem que minha mãe tem.

Tem sido uma verdadeira mártir! O que eu rogo a Deus é para ma conservar! Previu-se para o Paço da Ajuda a minha pobre avó (Rainha D. Maria Pia, mãe de D. Carlos) para vir para o Arsenal. Eu não estava, quando chegou. Estavam-me a tratar o braço (de

que ficara ferido no atentado) na sala do inspector do Arsenal. Quando a avó chegou, foi direito à minha mãe e disse-lhe: "On a tué mon fils — mataram o meu filho"; e a minha mãe respondeu-lhe: "Et le mien aussi (e o meu também)". Meus Deus, dai-me força!

Entrámos então para um Landau fechado, a minha avó, minha mãe e o Conde de Sabugosa e eu. Saimos do Arsenal pelo portão que deita para o Cais do Sodré, onde estava um esquadrão da guarda municipal, comandado pelo Tenente Paul: na almofada ia o Coronel Alfredo de Albuquerque; à saída entregaram ao conde de Sabugosa um revólver; minha avó também queria um.

Vimos então a toda a brida para o Paço das Necessidades. À entrada esperavam-nos a Duquesa de Palmela, Marquesa do Faial, Condessa de Sabugosa, Dr. Tomás de Melo Breyner, Conde de Tattenbach, Ministro da Alemanha, e a Condessa, e muitos criados da casa. Foi uma cena horrível. Todos choravam aflitivamente. Subimos muito vagarosamente a escada, no meio dos prantos e choros de todos os presentes. Acompanhei a minha pobre e adorada mãe até ao seu quarto e deixei a minha pobre avó na sala.

Os assassinos foram Manuel dos Reis da Silva Buíça e Alfredo Costa, às ordens da Maçonaria, diz-se:

"Tenho sempre viva a cena horrível, disse 25 anos mais tarde a rainha D. Amélia. Vi morrer o rei e o príncipe a meu lado. Ainda bati com o ramo de flores na cara de um dos assassinos".

Todos os artigos publicados e assinados neste jornal são da inteira responsabilidade de seus respectivos autores.

Serralharia Pedroguense

Caixilharia de alumínio anodizado e lacado, espelhos, etc.

Consulte-nos. Temos a melhor qualidade e ao melhor preço.

Av.ª Dr. F.º Sá Carneiro
Telef. 036/45324

3270 Pedrógão Grande

O NOSSO CORREIO

Desde 22 de Novembro até ao final de Dezembro de 1988, registámos as seguintes verbas para o «Voz da Graça» e agradecemos aos seguintes senhores:

7 000\$00, Ângelo Pereira, Pedrógão Grande.

5 300\$00, Dr. Raul dos Santos Serra, Lameira Cimeira.

3 200\$00, Carlos Conceição Esquina, França.

3 000\$00, Dr. Alfredo Carreira de Azevedo, Santarém.

2 000\$00, Agripino Coelho Fonseca, Póvoa de St.º Adrião; e António Maria José, Troviscais.

1 840\$00, José Rodrigues Fernandes, Pesos.

1 600\$00, Carlos David Louro, Pedrógão Grande; e Eduardo Martins David, Derreda Cimeira.

1 566\$00, Fernando Rosa Carvalho, África do Sul.

1 500\$00, Dr. Francisco Henriques Neves, Açores; e Alfredo Lourenço Alves, Pedrógão Grande.

1 400\$00, Armando David, Amadora.

1 200\$00, Sesinando Conceição, Figueiró dos Vinhos; e Abílio Dinis da Silva, Corroios.

1 000\$00, Foto Rosa, Alvaiázere; Eduardo Pereira Coelho Paiva, Figueira; Isabel Maria Soares Valadão, Açores; Aires Henriques Dinis, Escalos do Meio; Alcindo Pereira Simões Sapateiro, Ameal; Joaquim Ventura David, Alverca; D. Maria Preciosa Fonseca Antunes, Loureira; Raul Pedroso Tomás, Lisboa; e António de Jesus Leão, França.

900\$00, Américo Alves Nunes, Brasil.

800\$00, Ramiro David Serrá, Louriceira; Mário Paiva de Carvalho, Marinha; José Coutinho da Silva, Lisboa; e António Nunes, para Alfredo Joaquim da Glória, Vale da Neta.

700\$00, António de Jesus Lopes Caseiro, Cerejal.

Sociedade Lusitana de Atracções, Limitada

Certifico para efeitos de publicação que me foi apresentado o livro de actas da Assembleia Geral da sociedade comercial por quotas, com a denominação em epígrafe, que tem a sua sede em Valongo, Pedrógão Grande, titular do cartão de identificação de pessoa colectiva n.º 500259895, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos, sob o n.º 53, com o capital social de 30 000\$00, no qual se encontra lavrada uma acta com o n.º 38, exarada de página 47 a página 48, em que foi deliberado nomear gerentes os senhores Alexandre Henriques de Oliveira e Mário Rui Henriques de Oliveira

Está conforme ao original.

1.º Cartório Notarial de Lisboa, aos 24 de Novembro de 1988.

O Ajudante,

Alberto Vila Rodrigues

520\$00, D. Maria dos Anjos C. Coelho Santos, Carregueira.

500\$00, Manuel Encarnação Nunes do Carmo, Agria; Albano Rosa Domingues, Matos; Celestino Dias Albino, Vale de Joana; Fernando Rosa Carvalho, Ansião; Manuel António B. Alves Pedroso, Dórdio; Isidoro Mendes dos Santos, Vilar; Joaquim de Jesus Miranda, Aldeia de Ana de Avis; Jaime Correia, Alhos Vedros; Rogério António Barreto Fernandes, Monte Real; D. Alda do Rosário da Silva, Vila Facaia; D. Bebiã Maria Alves, Alverca; Américo Rosa Lopes, Pesos; José António Nunes, Lisboa; Luciano Maria Joaquim, Lisboa; António Henriques Dinis, Lisboa; P.º José da Costa Saraiva, Vila Nova de Gaia; Henrique Conceição Bernardo, Derreda Cimeira; Abílio Carmo Coelho, Tires; Joaquim Coelho, Tires; Aires Barreiros Peradanta, Marinha; Manuel Joaquim Conceição, Lisboa; Carlos Manuel Silva, Lisboa; Manuel Conceição, Casal dos Arais; José Gonçalves, Vila Nova de Gaia; António da Fonseca, Chelo; e D. Beatriz da Silva Rosa Nunes, Tondela.

400\$00, João Marques David, Derreda Cimeira; José Napoleão, Figueiró dos Vinhos; Manuel Alves Nunes, Sarzedas de S. Pedro; Manuel Antunes, Campelos; Albino António, Escalos do Meio; Isidro Francisco Pereira, Mó Grande; e Ângelo dos Anjos Fernandes, Mosteiro.

350\$00, 2 anónimos, Pedrógão Grande.

300\$00, 1 anónimo, Marinha.

Só para rir

Adivinha

Qual é o rio português que tem pontaria?

Solução da anterior: *Gato*.

Anedotas

— Em Portugal, quanto mais desemprego há, maior é o número de relojoeiros...

— Mas porquê?

— É que, quando encontro alguém e lhe pergunto o que está a fazer, sempre me responde: — Estou a fazer horas...

★ ★ ★

Dois homens estavam num bar, a beber cerveja.

— Porque é que bebes a cerveja pela palhinha? — perguntou um deles.

— É que eu prometi à minha mulher nunca mais pôr a boca num copo.

★ ★ ★

— Olha lá, Chico, quando fumaste o primeiro cigarro não te doeu a cabeça?

— Doeu-me mas foi o fundo das costas.

— Que dizes tu?

— Foi por causa da tarefa que o meu pai me deu.

★ ★ ★

Operário:

— Eu casei-me a semana passada. E agora vinha pedir ao senhor se me podia aumentar o salário.

Patrão:

— Tenho muita pena, meu amigo, mas só sou responsável pelos desastres que se dão nas horas de trabalho.

Nodeirinho

Capela de Nossa Senhora do Leite

No ano de 1782, a 4 de Março, o Padre Manuel Joaquim Barreto, de Nodeirinho, apresentou, na Mitra da Sé de Coimbra, um requerimento, para lhe ser concedida licença de construir uma capela, sob a invocação da Senhora do Leite, para a qual ele faz a doação dos bens necessários à sua fábrica. O processo que acompanhou o dito requerimento consta de 61 folhas, cosidas num caderno que se encontra arquivado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Veremos o que está escrito nesse moio e tal de folhas. A capela construiu-se nesse ano, ou nos seguintes. O fundador e doador veio a falecer na noite de 28 para 29 de Outubro de 1797, 15 anos depois. Recebeu a Santa União. Deixou testamento. Anos mais tarde, a capela ruiu. A imagem foi levada para a Igreja Paroquial da Graça. Em 1922, no dia do Corpo de Deus, veio de lá em Procissão para esta nova Capela, onde continua a ser Padroeira. Com várias obras de reparação e aumento, a capela é hoje um espaçoso e lindo templo, com torre, sinos, relógio e Sacrário, a melhor capela da freguesia, onde há Missa todos os dias.

O nicho das Várzeas

Por alturas de 1922, quando se apascentava o gado pelos sítios dos Godinhos, Portela e Alto dos Godinhos, limite de Nodeirinho e das Várzeas, recordamo-nos de ter visto as ruínas dum «Alminhas», à beira da estrada velha, a que chamavam o Nicho das Várzeas. Só restava ainda em pé a base do nicho. A capelinha onde estivera exposta a Imagem do Senhor das Almas e a cúpula já tinham caído.

Hoje nem pedras no chão lá existem.

Sabemos agora que do Arquivo da Universidade de Coimbra consta:

1766, 24 de Março, Várzeas, Vila Facaia. Auto de licença, construção e bênção de uma capela com invocação do Senhor das Almas, a pedido de João Carvalho Ferreira, do lugar das Várzeas (XXII, 23).

O processo consta de um caderno cosido, com 4 folhas numeradas e 3 folhas inúmeradas e 4 em branco.

Portanto, o tal nicho das Várzeas foi requerido pelo seu fundador João Carvalho Ferreira e devidamente licenciado pela Mitra da Sé de Coimbra, em 1766, há 222 anos.

Albino Simões Pereira

PNEUS MABOR
ÓLEOS CASTROL
COMÉRCIO GERAL

Largo do Encontro
Telefone 4 51 21

3270 Pedrógão Grande

Um "Presidente da República" de Midões

Júlio Amaro, um latagão, republicano radical, sofria de fúrias de loucura, mas com momentos lúcidos. Tinha que ser internado num hospital próprio, para se lhe dar vida normal, o que era muito difícil, por causa da sua força de hércules e da sua alergia aos hospitais.

Mas uns amigos conseguiram um engenhoso meio de pôr em acção a entrada no hospital.

Convenceram-no de que tinha sido nomeado Presidente da República, e assim o levariam a Rilhafol. A pedido deles, o chefe dos correios de Tábuia enviou para a estação de Midões o telegrama da nomeação, fingida. Ele tomou conhecimento da sua nomeação, e acreditou. O grupo dos amigos acompanhou-o, num carro apropriado, com dois enfermeiros a servir de guarda-costas,

ao Palácio de Belém. Pelo caminho, o "presidente" perguntava aos amigos o nome da terra por onde passavam.

Vamos em São Simão.

Pois daqui em diante será só Simão, retorquiu o Júlio.

E agora que terra é esta? É São João.

Para o futuro será só João, sentenciou o Júlio, alérgico aos Santos.

Chegados a Lisboa, porque o hospital já estava fechado, tiveram que pernoitar numa pensão, e só de manhã foi possível interná-lo no Rilhafol.

Só quando ele envergou o colete de forças e bem guardado, é que os amigos e companheiros de viagem ficaram tranquilos, pois ninguém pregara olho em toda a noite anterior.

Câmara Municipal de Pedrógão Grande

EDITAL

Alteração às prescrições do Alvará de Loteamento n.º 1/86

Manuel Henriques Coelho, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Pedrógão Grande, faz saber que, em reunião do Executivo Municipal, realizada no passado dia 25 do mês de Novembro, do corrente ano, foi deliberado alterar as prescrições do Alvará de Loteamento n.º 1/86, respeitante ao terreno denominado rústico — Tapada da Ladeira, sito em Pedrógão Grande, freguesia e concelho de Pedrógão Grande, com as seguintes confrontações: Norte e Poente com a Rua que liga a vila de Pedrógão Grande a Vale de Góis, Nascente com Ângelo Pereira, Sul com Duarte Santos e outros, inscrito na matriz predial sob o artigo 15985, alteração essa que consta da rectificação de: terreno com a área de 6650 m², para o Loteamento com a área de 5950 m² em virtude da área de 700 m², referente ao Lote n.º 1, não fazer parte do Loteamento devido a ter sido autorizada a desanexação nos termos do artigo 2.º do Decreto-Lei 400/84, de 31 de Dezembro.

Ficando sujeito às seguintes prescrições: Lote n.º 1, com a área de 770 m²; Lote n.º 2, com a área de 1480 m²; Lote 3, com a área de 1500 m²; e Lote n.º 4, com a área de 2200 m². N.º 2 do Licenciamento, rectificadas os N.ºs dos Lotes de 4 e 5 para 3 e 4.

Obras de Urbanização:

1 — Ampliação das actuais infra-estruturas eléctricas de modo a servirem a totalidade dos Lotes existentes, a executar pela EDP. Serão objecto de uma participação em encargos a suportar pelo requerente, os quais lhe serão apresentados, logo que solicitados à EDP/EP.

2 — A ligação dos diversos fogos à rede de distribuição eléctrica com iluminação pública será objecto de orçamento a apresentar na altura própria, a pedido de cada um dos interessa-

dos. Mantendo-se as restantes prescrições constantes do respectivo título de licenças.

Para constar e devidos efeitos mandei passar o presente edital e outros de igual teor, que irão ser afixados no átrio dos Paços do Concelho, e publicado no Diário da República III e num dos jornais mais lidos do concelho de Pedrógão Grande.

E eu (assinatura ilegível), Chefe de Repartição da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, o subscrevi.

Pedrógão Grande, 12 de Dezembro de 1988.

O Presidente da Câmara Municipal,

Manuel Henriques Coelho

DR. FERNANDO BRANCO

Médico Especialista de Clínica Geral

Telefone 5 22 16

3260 Figueiró dos Vinhos

Consultas: segundas e sextas-feiras (das 11.30 às 19 h.)

Sábados: das 9 às 14 horas

Terças, quartas e quintas-feiras (das 9 às 14 e das 18 às 19 h.)

JOSÉ DA SILVA

MÉDICO DE CLÍNICA GERAL

Consultório: Largo Devesa

Residência: Largo do Adro

PEDRÓGÃO GRANDE

Consultas todos os dias

CARTAS AO DIRECTOR

Catandica (Moçambique), 10-11-88.

Ex.^{ma} Sr. P.^a Aníbal

Foi com muita alegria e satisfação que recebi o "Voz da Graça" de 15 de Agosto de 1988.

Li esse jornal com toda a atenção, como é do meu costume, pois é ele o único meio que me traz as novidades da minha tão saudosa terra.

Só hoje estou a responder, porque aqui onde me encontro o nosso tão querido jornal chega com muito atraso, e alguns números nem cá chegam, o que me deixa imensa pena. Com a notícia que li, não posso deixar de lhe escrever e compartilhar da sua alegria. Que bom ter levado 50 anos, meio século, de vida espiritual com Deus, trabalhando para todo o povo que consigo quis aceitar o caminho do Senhor, ouvindo a evangelização e aprendendo consigo a catequese. Eu se hoje reconheço a Deus como meu Salvador, devo os meus primeiros passos ao Sr. P.^a Aníbal, Pároco da Graça. Ainda me recordo bem de quando era criança fazer o meu percurso a pé, da Figueira a Graça e da Graça a Figueira, onde eu vivia com os meus avós maternos, para assistir às aulas de catequese, na igreja. Muitas vezes peguei na vara da bandeira de N.^a Sr.^a de Fátima, nas Procissões das Festas da Comunhão. Que saudade eu hoje sinto desse belo tempo! Hoje aqui, com a Doutrina do Catecismo que então aí o Sr. P.^a Aníbal, nosso Pároco, me ensinou, gravada na minha mente, faço as vezes duma irmã ao serviço de Deus. Primeiramente quando a religião católica era perseguida, estive sempre a dar a carrinha a duas freiras e a um sacerdote missionário que em 1979 foram expulsos. Depois ficámos, eu e outros cristãos, com a chave da igreja, e não deixámos de ensinar a palavra de Deus àqueles que não sabiam. Até hoje, a igreja tem sido zelada por mim. Formei cinco comunidades que hoje têm muitos adeptos, alguns catecúmenos. Tenho um grupo de jovens cantores, grupo constituído por 42 jovens, sendo eu a coordenadora deles, ensinando-lhes tudo o que sei de doutrina. Nunca tivemos visita de padre nem de irmãs catequistas. Mas a nossa igreja está sempre aberta. Não se passa um domingo sem se fazer a

palavra de Deus. Sinto-me feliz por Deus me ter dado este dom... Admiro-me como, neste mundo, haja pessoas que não queiram reconhecer a Deus como o único e verdadeiro caminho e protector da nossa vida, em ordem à salvação da nossa alma.

Agora, Sr. P.^a Aníbal, quero felicitar-lo, dando-lhe os meus parabéns pelo aniversário das suas bodas de ouro sacerdotais, no apostolado paroquial.

Peço a Deus que lhe dê muitas forças para poder continuar no nosso meio muitos anos, a dar-nos mais força, mais vida por tudo o que nos transmite, através do nosso jornal que nos oferece leitura tão agradável. Que Deus o ajude e lhe dê tudo o que precise para continuar tão espinhosa missão ao serviço da Igreja e do público, pois a imprensa é uma bela forma de apostolado, são os votos mais sinceros desta sua antiga paroquiana que não o esquece, e espera em Deus ainda o ir visitar na Redacção do inesquecível "Voz da Graça".

Fiz a Comunhão Solene na Graça, em 15-8-1954.

Ilda Dias de Assunção, neta do falecido Albano Figueiras, de Al-tado, irmã da D. Madalena Fartista.

Vila Nova, 5-12-1986.

Sr. Director,

Os meus melhores cumprimentos.

Envio por vale de correio a importância de 1 000\$00, a fim de liquidar a minha assinatura do jornal "Voz da Graça", para o próximo ano de 1989.

Com votos de boa saúde para V. Rev.^a e que continue a mandar-me o jornal todos os meses.

Leio-o com agrado e satisfação.

Reiterando os meus melhores cumprimentos,

Isabel Maria Soares Valadão

Mosteiro, 5-12-1988.

Ex.^{ma} Sr. Director do "Voz da Graça"

Há bastante tempo, que ando para informar do que se vai passando na minha aldeia, que pertence à freguesia e concelho de Pedrógão Grande.

Mas mesmo hoje, encontro-me com boa disposição, para dizer o seguinte: há mais de um ano que começaram as obras no lugar do Mosteiro, para meterem água nas casas dos habitantes e por aquilo que estamos a ver nunca mais têm fim. Abriram as valas, há buracos por todos os lados, os visitantes já por diversas vezes que metem os carros nesses ditos buracos, já aconteceu com diversos, dizem que nunca viram uma aldeia tão desprezada como esta. Se a Câmara não tem presidente para ver esta miséria, a nossa resposta é que o povo vão lá a quase todas as sessões. Ele promete mas não manda fazer. Então agora com o mau tempo, as ruas cheias de lama, e à noite algumas ruas sem luz, é um problema para a gente tratar da nossa vida. Há tanto tempo que estas obras começaram, era para estar tudo pronto, temos as calçadas que deviam ter começado, e pelo que

estamos a ver, não é no mandato deste nosso presidente.

Até que anda a mandar construir bairros no Rabigordo, para quê? Para as raposas se lá esconderem. Depois falta o dinheiro para as obras que estão em primeira necessidade. Isto é uma vergonha, um lugar que é visitado por tanto turista, e principalmente nos meses de Agosto e Setembro vem gente de tão longe para tomar a sua banhoça, e verem assim uma aldeia tão desprezada é pena; só sabe fazer melhoramentos para o termo de baixo e para Vila Facaia. Só no rinque de patinagem, gastou cerca de mil e duzentos contos. Não sei para quê. Não há mocidade para se utilizar dele. É dinheiro mal empregue, depois faz falta para outras obras que estão em primeira necessidade.

Cheguei a falar com os proprietários para cortar as curvas, da estrada que liga o Mosteiro a Vila Facaia, que está de grande necessidade e é um perigo, pois já aconteceram diversos desastres. Dizia que fazia na altura, que precisava do voto para entrar para a Câmara, mas depois de lá estar esqueceu tudo. Se não fosse o presidente da Junta da Freguesia, que mandou fazer um Lavadouro, não tínhamos cá nada de recordação.

Tenho mais para mandar dizer, mas fica para outra vez.

Com os melhores cumprimentos,

António Lopes Marques

V. Nova de Gaia, 6-12-88.

Amigo e Sr. P.^a Aníbal

Que se encontre de boa saúde e tenha um bom Natal e Ano Novo muito feliz, são os meus votos.

Cá ando atrapalhado com a minha artrite. Para sair de casa, só de carro. Mas cá me vou conformando e pedindo a Deus que aceite isto em desconto dos meus pecados. Envio cheque de 500\$00.

Um abraço do

José Gonçalves

Póvoa, 4-12-88

Prezado primo e amigo Rev. Aníbal

Os meus cumprimentos e desejos de ótima saúde e bem-estar a si, familiares, povo da nossa freguesia e as maiores venturas na sua abençoada profissão.

É este humílimo e velho ser humano, natural desta freguesia, onde foi batizado em 12-1-904 que, em rapaz, o destino determinou que se retirasse para Angola, onde lhe nasceu a barba, os filhos, que são o seu orgulho, os cabelos brancos e os netos, onde passou 4/5 da sua vida a trabalhar com dois objectivos:

1.º: Criar e formar os filhos.

2.º: Porque não era funcionário com direito a reforma, com o produto do seu trabalho criar um rendimento para ele viver na velhice.

É este humílimo ser humano tem orgulho de dizer que atingiu esses objectivos.

Criados e formados os filhos e a trabalhar dedicou-se a resolver a 2.ª parte do seu programa.

E atingido mais esse objectivo

vivia eufórico na terra que adoptou como sua!

Por exigências da sua vida profissional os filhos retiraram-se para a terra de seu pai.

É uma "tempestade" fomentada pelo, então, governo português, destruiu a segunda parte do seu programa.

Sofrimento atroz!

Era de enlouquecer! Ver evaporar-se o produto da sua vida de trabalho!

Só quem passa por estas coisas as pode avaliar!

Mas no meio daquele sofrimento e desventura ainda teve ânimo para reagir e regressar à terra onde nasceu.

Mas aqui, na terra onde nasci, considero-me DESLOCADO porque enquanto em Angola, que ainda tenho no coração, era um ser útil que trabalhava, produzia, tinha amigos e conhecidos em todas as camadas sociais, desde as mais humildes, com quem conver-

sava e se distraía, aqui, na terra onde nasci, considero-me um objecto inútil, sem valor, que nada faz, nada produz e como que num DESERTO porque à parte os familiares, algo afastados, praticamente não conheço nada nem ninguém. De maneira que o "Voz da Graça", dentro da sua humildade, foi um amigo que aqui encontrei porque me faz recordar nomes e coisas conhecidas na infância, um amigo a quem retribuio a minha amizade.

É a este amigo que envio 2 000\$00 para pagar a minha assinatura do próximo ano.

Prezado primo, se vier a estas paragens e nos queira dar o prazer da sua visita, teremos muito gosto em o receber em nossa casa.

Um abraço dos primos amigos.

Agripino Coelho Fonseca

CURIOSIDADES MUSICAIS

Por PAULA RIBEIRO

CLARINETE

Instrumento de sopro, de madeira, com palheta, simples e tubo oco cilíndrico. O clarinete foi inventado em Nuremberga cerca de 1700, por G. C. Denner. Descendente de uma antiga família de instrumentos — os chalumeaux franceses (soprano, alto, tenor e baixo), ainda usados na primeira metade do séc. XVIII.

Derivado talvez do chalumeau campestre de cana ou da ciaramella italiana, ainda que estes instrumentos sejam munidos de palheta dupla de oboé. Os chalumeaux podem, por sua vez, lembrar o arghoul, antiquíssimo instrumento egípcio, de que existe um exemplar no Museu do Conserva-

tório de Paris e o «Aulos» Grego(?) do qual se pensa que existia uma variedade com palheta batente. Em lugar de estar encerrada numa espécie de tubo, atravessado pelo sopro do instrumentista, a palheta do clarinete foi montada directamente sobre a boquilha, sendo ambas (palheta e boquilha) apertadas entre os lábios. A extremidade foi munida dum pavilhão alargado. A colocação dos orifícios foi modificada. O número de chaves passou progressivamente de 2 para 6 (em 1791), depois para 13 (em 1812). Foi então que o instrumento adquiriu as suas qualidades actuais de afinação e timbre.

O clarinete foi utilizado pela primeira vez na Orquestra por Vivaldi.

A sua utilização parece ter sido, durante algum tempo, uma prática especial dos franceses e foi em Paris que muitos músicos do Séc. XVIII descobriram as suas possibilidades, nomeadamente Mozart que o utilizou em 1778 na sua sinfonia em Ré Maior, dita «parisienne».

A imperfeição do instrumento, que não permitia ainda tocar todas as notas alteradas, obrigou, por isso, a que fosse construído em diversas tonalidades. Dentre estas variantes, o clarinete em Fá ou clarinete alto foi utilizado frequentemente por Mozart.

De "O Almonda"

VENDEM-SE

9 terrenos com árvores.
Casa de habitação, junto do Largo da Misericórdia.
Casa de habitação, junto da Serraça.

Trata: Carlos Louro, telef. 45465, Pedrógão Grande.

VENDE-SE

Casa de habitação, com quintal e 12 oliveiras, e mais árvores de fruto. Tem água e luz, com duas fontes, Altar-do, Graça.

Trata Farrista, telef. 52250.

Oferta para a Capela

Sr. Adelino da Mata Martins, Nodeirinho, 1 000\$00. Bem haja.



Marcelino Nunes Corrêa

Em Cascais, no dia 9 de Dezembro de 1988, faleceu o Sr. Marcelino Nunes Corrêa, casado, irmão do Sr. Comendador Manuel Nunes Corrêa, filhos do saudoso Marcelino Nunes Corrêa, natural de Pedrógão Grande. O funeral realizou-se no dia seguinte com extraordinário acompanhamento.

«Voz da Graça» apresenta sentidas condolências ao Sr. Comendador Manuel Nunes Corrêa, e Dig.^{ma} Esposa, D. Maria Eva Nunes Corrêa, e mais família.

FOTO PEDROGUENSE

de JÚLIO TOMÁS DAVID
PEDRÓGÃO GRANDE
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro

REPORTAGENS

CASAMENTOS

BAPTIZADOS

FOTOGRAFIAS A PRETO E BRANCO E A CORES

PASSES em 1 MINUTO

VOLTA AO MUNDO Os Papas da Igreja

Continuação da 1.ª pág.

"Confiança", na Rua de Cedofeita, e roubou 60 bijuterias de futebol, no valor de 100 contos. Apanhado a vendê-los junto do estádio, foi processado e julgado. Foi condenado a três anos e meio de prisão.

HOLANDA — Em Amesterdão, devido à falta de fiéis, nos próximos sete anos, vão ser demolidas 18 igrejas. Em 1970 iam à Missa, aos domingos, 45 mil pessoas. Agora só 12 000. O número de padres desceu de 112 para 38.

LISBOA — O Estado português foi condenado pelo Tribunal Europeu dos Direitos do Homem a pagar a José Gonçalves Martins, por "danos morais", 435 contos de custos judiciais e pagamento aos advogados. Um processo de acidente de viação demorou mais de 9 anos a ser julgado.

ARMÉNIA — Na manhã de 7 de Dezembro de 1988, um violento tremor de terra arrasou uma cidade inteira e parte das outras, matando umas 100 mil pessoas e deixando feridas muitas milhares. O Papa João Paulo II mandou uma carta de pésames ao Chefe da Rússia, e 100 mil dólares para socorro das vítimas causadas pelo sismo.

LONDRES — O quadro "Arlequim..." de Picasso foi vendido em leilão por 5 milhões de contos. É o terceiro mais caro do mundo.

LEIRIA — Um casal desta região passou na América 20 anos a lavar pratos num restaurante. Regressou com uma reforma de 120 contos, por mês.

RÚSSIA — Arqueólogos russos acabam de descobrir um cemitério enorme onde foram sepultadas milhares de pessoas que o cruel Staline mandara matar para impor o comunismo.

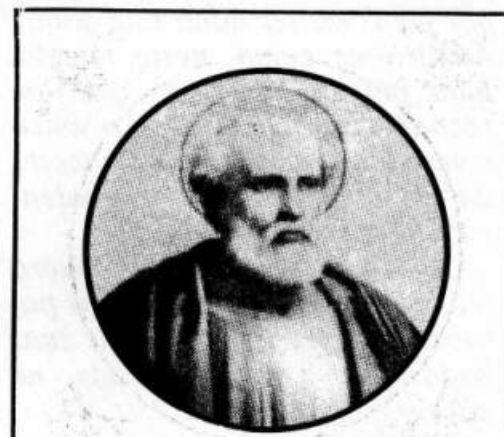
OLHÃO — Devido a uma tempestade marítima, um navio teve de abandonar a carga de ananases que deram à costa, na extensão de uns 50 quilómetros. Foram apanhadas cerca de duas toneladas. Foi uma fatura para alguns felizardos.

POMBAL — Em Pelariga, no dia 12 de Outubro de 1988, embateu um automóvel num poste dos telefones e numa oliveira. Morreram a motorista Ana dos Prazeres Alves, sua filha, Mónica Rafael, de 3 anos, e seu irmão José Vicente Alves. Sua outra filha, Sara Alves, de 8 anos, e sua mãe ficaram feridas. Ficou viúvo Felisbello Lopes Diogo, de Abiul.

POMBAL — Está a decorrer com bom êxito um curso de canteiros de 12 concorrentes, incluindo o nosso assinante Fernando Mendes Cezeiro, de Ansião. É pago pela CEE, por intermédio da C.M.

ANDRÉS, SANTIAGO DE LITÉM — Numas escavações de três metros de profundidade apareceu o esqueleto incompleto dum réptil com 7 metros de comprimento, de dois pés, um carnívoro que terá vivido nesta região, há cerca de 150 milhões de anos. O dito esqueleto foi exposto no Museu Nacional de Arqueologia.

PEDRÓGÃO GRANDE — No domingo, dia 11 de Dezembro, celebrou-se em Coimbra a cerimónia da Ordenação de cinco Presbíteros, estando incluído Júlio da Silva Neves dos Santos, Diácono, dos Troviscais. Foi Bispo ordenante o Venerando Prelado desta Diocese, Sr. D. João Alves. Roguemos a Deus por eles.



41 — SÃO COSIMO

Nasceu em Masuraca (origem grega). Eleito a 18.III.417, morreu a 26.XII.418. Temperamento forte reivindicou o poder da Igreja contra as ingerências alheias. Moralíssimo, ordenou que os filhos ilegítimos não podiam ser ordenados sacerdotes. Mandou vigários para a Galileia.



42 — SÃO BONIFÁCIO I

Nasceu em Roma. Eleito a 28.XII.418, morreu a 4.IX.422. A intervenção de Carlos de Ravena assinalou o princípio da ingerência do poder Civil na eleição do Papa. Foi consagrado Papa sete meses depois de ser eleito, por ter sido contraposto pelo antipapa Eulálio.

Festeja-se a 26 de Dezembro. Papa em 417-418, sucedeu ao Papa Inocêncio III. Na desavença do Bispo de Marselha com o Bispo de Arles, o Papa Cosimo esteve ao lado do Bispo de Arles e excomungou o Bispo de Marselha. Deixou 14 cartas e decretos contra Palágio, herege. Ordenou que os filhos ilegítimos não podiam ser ordenados sacerdotes.

Sucedeu na Cadeira Papal a S. Cosimo, em 418. Foi protector de Santo Agostinho. Morreu no ano de 422.

É o coração que sente Deus, e não a razão. A fé é isso mesmo: Deus sensível ao coração, não à razão. *Pascal*

Um achado arqueológico em Vila Facaia

Continuação da 1.ª pág.

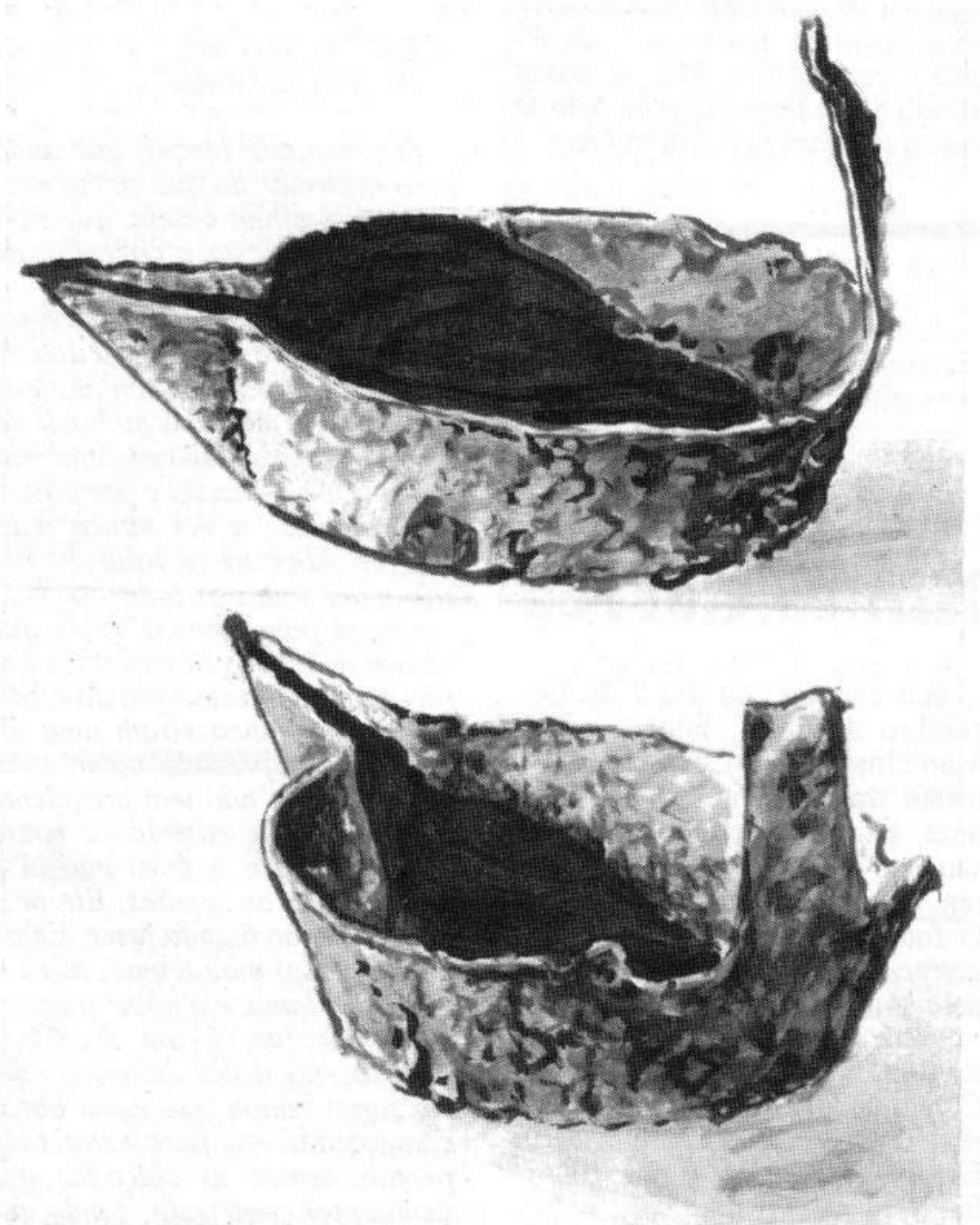
desfez-se em cacos. A outra, porém, está ainda em estado um tanto regular, embora com muita ferrugem e grãos de areia incrustados, nos quais não convém tocar. No bico ainda se nota um restito de pano da torcida. Aqui publicamos a foto da velha candeia, presa pela asa entre os nossos dedos indicador e polegar da mão direita, foto que foi tirada pelo nosso prezado amigo Sr. Júlio Tomás David, fotógrafo profissional na Av. Francisco Sá Carneiro, Pedrógão Grande. Também publicamos dois desenhos da mesma, mas em posições diferentes, da autoria do mestre pintor Sr. João Viola, cá de Nodeirinho.

A mina, construída por mãos de mestre, não apresenta qualquer alagão. A sua finalidade não terá sido a captação de água, pois o seu início ou boca fica a muitos metros de distância da Ribeira do Nodel, não havendo terrenos para irrigação. Mais provavelmente ela terá sido aberta por alguma família para lá se refugiar em tempo de guerrilhas ou de perseguições religiosas. Talvez na altura das Invasões Francesas de 1810 ou 1811. Pela tradição consta que os soldados do exército do General Massena estiveram aquartelados no lugar da Adega, em Vila Facaia, e ou-

tras povoações vizinhas. Diz-se até que os soldados franceses, nas horas vagas, se entretinham, além de outras judiarias piores, a atirar tiros contra um portão de madeira dum pátio que ainda há bem poucos anos pertencia ao já falecido João Inácio, crivando-o de buracos.

Tão antiga mina bem merece ser zelada e facultada à visita do público, com as necessárias cautelas, constituindo assim um importante ponto de turismo local que atrairá a Vila Facaia muitos visitantes, como de facto já foram muitos para a ver e admirar. A velha candeia, essa preciosa

reliquia da antiguidade, irá, segundo nos consta, ocupar um espaço vistoso no novo Museu Pedro Cruz, de Pedrógão Grande. A nosso ver, deverá ser sujeita a uma rigorosa análise de laboratório, de processos modernos, por científicos técnicos que poderão descobrir os anos de existência que ela tem. Quem sabe se na mina não haverá moedas ou outros objectos de valor histórico? Quem sabe se a mina não remonta àqueles velhos tempos das perseguições dos imperadores romanos contra os cristãos da Península Ibérica? Tudo é possível.



Memória do tempo

1-11-1755: Terramoto de Lisboa:

"Quando as paredes do Paço da Ribeira desabaram, no dia 1.º de Novembro, e todo o edifício se esborrou, viu-se correr um jorro de coisas preciosas que a onda do rio engoliu: eram as jóias, as louças, as pratas, os quadros e charões da Índia que, desde D. Manuel, os reis entesouravam e se diziam valerem para cima de mil milhões".

Oliveira Martins

11-11-1861: Morre D. Pedro V, rei de Portugal:

"Naquele tempo, reinava em Portugal D. Pedro V — único monarca português que morreu honrado e sinceramente chorado. E aquele rei era triste, porque o sol ardente do espírito, o ardor da ciência lhe crestou o viço da juventude".

Camilo Castelo Branco

15-11-1853: Morre D. Maria II, rainha de Portugal:

O que eu quero é fazer todo o bem que eu puder.

ARRAIAL...

Há festa na freguesia,
Vai ser grande o arraial,
Cada santo tem seu dia
Mas o nosso é o principal.

Vem gente de toda a banda
Quando o santo está na berra,
E acontece o que Deus manda:
Traz mais fé à nossa terra.

Sai do adro a procissão,
Toda a gente se incorpora
Com fervor e devoção,
Tornando áurea aquela hora.

Vão anjinhos de asas brancas,
Irmandades, gente e gente,
Pálio e andores, santos, santas,
Tudo a passo, docemente.

Janelas engalanadas
Assistem de alto ao desfile,
E as ruas embandeiradas
Se alegam num ar gentil.

Recolhida a procissão,
Findos já sermões e reza,
O arraial enche-se então,
Que a alegria nada pesa.

Toca a banda no coreto,
Dançam Manéis e Marias...
Só meu coração de preto,
Bate triste nesses dias.

Estoiram foguetes no ar,
Bailam no céu os balões,
E prontos para estoirar
Pegam fogo os corações...

Anda de aí rapariga,
Que bailar é dar à perna,
Siga a roda, siga, siga,
Que o amor é chama eterna.

Entrem todos, vão rodando,
Que a tristeza nada vale;
Cantando com Deus, cantando,
Sempre a vida é arraial!...

Francisco Pires

«Voz da Graça»

VENDE-SE na Redacção

Avulso — cada ex. 40\$00.
Indo pelo correio — 60\$00.